

No Inverno Faz Primavera

O que haveria em comum entre um papel carbono marcado por uma carretilha de costura, galhos recolhidos, agrupados e reordenados, frutos secos de liquidâmbar, fotografias de um abacate, um pomelo de cerâmica, desenhos e gravuras que nos remetem a garatujas infantis ou um aquário que armazena abacates secos? Esta é a primeira pergunta que se apresenta quando nos aproximamos das obras de Antônio Augusto Bueno. De saída nos deparamos com uma variedade de matérias, procedimentos e um livre trânsito entre linguagens. Nesta exposição procuramos delinear uma espécie de genealogia interna presente em 30 anos de sua produção.

Aqui tempo e matéria se manifestam no cotidiano de uma práxis que se espraia por toda a percepção da vida. A matéria no trabalho de Antônio não está em oposição ao tempo, mas é o meio em que se manifesta o tempo por meio de um corpo que percebe e é capaz de agir sobre ela. Antônio empreende longas caminhadas pela cidade que parecem compor uma certa metodologia. Seria possível dizer que se trata de um método de coleta. Coleta de imagens, matérias e idéias. Sair de casa para entrar em contato com o mundo e ser tocado por ele. Seu olhar dirige-se às pequenas coisas cotidianas, aos resíduos do quintal de seu ateliê. Galhos, folhas secas, e abacates em processo de decomposição são coletados e transmutados em obra. No ambiente doméstico, volta sua atenção para os materiais e utensílios de costura de sua companheira, percebendo-os como potenciais instrumentos para refletir sobre o desenho e a gravura. A carretilha de costura e o papel carbono transformam-se em ferramentas e suporte para inscrição no tempo. Não por acaso a fotografia assume um papel importante em seu processo criativo. Os registros fotográficos dos momentos de coleta ou de suas ações experimentais parecem extrapolar a função de documento. Dentro do contexto de seu trabalho percebemos essas imagens como tentativas de reter o instante da formulação de um pensamento, de uma intuição, de um devir. Um pensamento amalgamado à experiência material.

Revisitar uma produção de 30 anos de trabalho é também desvelar uma experiência artística que ultrapassa a sua dimensão material. Descobre-se que no decorrer do tempo uma série de partilhas sensíveis têm sido substanciais em seu percurso. Uma atenção paciente ao tempo inscrito nas coisas, um deleite com a própria materialidade do mundo, uma relação afetiva com os colegas, que se revelam em uma potência poética do cotidiano. A experiência de vida transforma seus gestos em trabalhos. Cada obra é parte de um percurso em que vida e criação se confundem.

Inverno de 2026

Felipe Caldas

Marilice Corona